

E AGORA, JOSÉ? - A LITERATURA MARGINAL E A FORMAÇÃO DE GRUPOS IDENTITÁRIOS

Henrique Moura ¹

Resumo: Este artigo busca problematizar, sob a perspectiva da teoria literária, a questão da formação de grupos identitários ao redor da chamada literatura marginal, expressão utilizada por autores da periferia de São Paulo a partir dos anos 2000, mobilizam-se os conceitos de “sujeito periférico”, tal como formulado por D’Andrea (2013), de “autoridade” tal qual Bourdieu (1989) e as reflexões de Dalcastagnè (2012) sobre a literatura brasileira contemporânea como um espaço contestado. Ao fim questiona-se até que ponto o autor identificado como periférico tem possibilidade de se expressar enquanto escritor sem haver uma imposição de que escreva apenas questões relativas ao universo da periferia.

Palavras-Chave: Sujeito periférico. Grupos identitários. Literatura marginal.

AND NOW, JOSÉ? – THE MARGINAL LITERATURE AND THE FORMATION OF IDENTITIES GROUPS

Abstract: This article seeks to problematize, from the perspective of literary theory, the question of identities groups around the so-called marginal literature, expression utilized by São Paulo periphery authors from the years 2000 on, the concepts of “peripheral subject” were mobilized, such as the one formulated by D’Andrea (2013), of “authority” like in Bourdieu (1989) and the reflections of Dalcastagnè (2012) about the contemporary Brazilian literature as

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Endereço eletrônico: henrique.moura.pereira@usp.br

a contested space. By the end it's questioned till what point the author identified as peripheral has the possibility to express while writer without having a imposition to write only questions related to periphery universe.

Keywords: Peripheral subject. Identities groups. Marginal literature.

À título de introdução

Antonio Candido (2011) defendia no fim dos anos 1980 a ideia da literatura como um direito, tal questão (a luta por direitos) ao que tudo indica estava bem em voga naquele Brasil prestes a sair de um período de Ditadura Militar (1964-1985) e que do campo às grandes cidades tinha a discussão política em pauta com mediação do Partido dos Trabalhadores (PT) e das Comunidades Eclesiais de Base, alicerçadas pela ala progressista da Igreja Católica, representada pela Teologia da Libertação – com especial atenção nas periferias, de onde parte a arte investigada neste artigo. Pontuava o crítico literário então:

Verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. (CANDIDO, 2011, p. 188).

Entende-se, portanto, a literatura como um direito, mostrando sua importância/necessidade, constrói-se a defesa no sentido do acesso à leitura de textos literários mais do que a produção por parte de grupos excluídos, numa sociedade como a brasileira em que a “maioria da população é analfabeta, ou quase, e vive em condições que não permitem margem de lazer indispensável à leitura” (CANDIDO, 2011, p. 189). Entretanto, na década seguinte, conforme analisou D’Andrea (2013) em sua tese de doutorado e como já havia refletido Schwarz (2012) em seu ensaio *Cultura e política*², as esperanças semeadas nos anos 1980 e visíveis nas manifestações populares, foram erodidas na década seguinte pelas reformas neoliberais, pelo aumento do desemprego e pela precarização das relações trabalhistas, além da violência.

Na mesma direção assinalada por Antonio Candido, mas do outro lado da moeda, ou seja, ao invés de apenas ocuparem o lugar de leitor, foi viabilizado que sujeitos da camada excluída da sociedade passassem a ter acesso à literatura como autores a partir dos anos 2000 e culminou na chamada literatura marginal. Para refletir essa literatura faz-se importante o trabalho de D’Andrea (2013) por dar subsídios para entender como se constitui o que o pesquisador nomeou em sua tese de doutorado como “sujeito periférico”. Segundo o autor, esse sujeito surge a partir dos anos 1990

2 Interessante verificar em “Cultura e política, 1964-1969 – alguns esquemas”, de Roberto Schwarz, como a cultura e os intelectuais brasileiros já estavam bastante comprometidos com o ideário de esquerda, o que pressupõe também a luta por direitos, antes e durante a ditadura: “Entretanto, para surpresa de todos, a presença cultural da esquerda não foi limitada naquela data, [1964] e mais, de lá para cá não parou de crescer. A sua produção é de qualidade notável nalguns campos, e é dominante. Apesar da ditadura da direita, há relativa hegemonia cultural da esquerda no país. [...] Esta anomalia – que agora periclita, quando a ditadura decretou penas pesadíssimas para a propaganda do socialismo – é o traço mais visível do panorama cultural brasileiro entre 1964 e 1969. Assinala, além de luta, um compromisso. (itálicos do autor, SCHWARZ, 2014, p. 12).

com o trabalho do grupo de RAP Racionais MC's que lança novas formas de enxergar os territórios de pobreza, implicando em outros campos discursivos sobre a periferia. Pensa-se a inserção, no campo literário nacional, desses novos autores a partir das reflexões de Dalcastagnè (2012), apontando o silenciamento de diversos grupos na literatura brasileira contemporânea, dando a ideia, portanto, de um território contestado.

Os autores fora do lugar: a hora e a vez da periferia

Procura-se aqui refletir a entrada de novos autores, oriundos da periferia, na cena literária brasileira, destacando que esses escritores enfatizam seus lugares de origem e os utilizam como matéria na construção de seus trabalhos artísticos, para isso observa-se a necessidade de investigar a origem desse sentimento de pertencimento ao espaço e as implicações disso. O trabalho de D'Andrea (2013) aponta que o grupo Racionais MC's representa uma nova forma de ver o sujeito morador dos bairros populares, criando nele uma inclinação a enfatizar o orgulho e a potencialidade de sua condição.

Sujeito periférico é o morador da periferia com uma ação prática baseada em uma subjetividade. Os elementos principais que conformam essa subjetividade são: o reconhecimento de ser morador da *periferia*; o orgulho de ser portador dessa condição; o pertencimento a uma coletividade que compartilha códigos, normas e formas de ver o mundo; o senso crítico com relação à forma como a sociedade está estruturada; a ação coletiva para a superação das tais condições. (D'ANDREA, 2013, p. 275-276).

Tem-se então uma definição para o morador das áreas periféricas que consciente das desigualdades sociais pretende superá-las através de suas ações. Esse sujeito órfão de referencial político, com o distanciamento das Comunidades Eclesiais de Base e do PT, produz cultura para resolver suas questões mais imediatas, possuindo três características importantes: assume sua condição de periférico; tem orgulho dessa condição e age politicamente a partir dessa condição³. Nessa ampla rede cultural mobilizada pelos sujeitos periféricos e que abriga escolas de samba; coletivos de teatro; grupos de rap, samba e dança e saraus encontram-se os escritores. Esses destoam no campo literário homogêneo, no qual pouco aparecem representados, inclusive enquanto personagens, e ao surgirem como autores precisam legitimar seus discursos.

Quase sempre, expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo marginalizado lhe é roubada, ainda, a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor. E a literatura, amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, querendo ou não, pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando. Perdendo, com isso, uma pluralidade de perspectivas que a enriqueceria. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20-21).

Se na literatura brasileira contemporânea escrevem majoritariamente homens, com curso superior, residentes em capitais, exercendo profissões que lhes garantem a produção de discurso, a exemplo de jornalistas e professores universitários, e como centro de seus romances aparecem

³ D'Andrea, 2013, p. 174

personagens e problemas de classe média⁴, logicamente há um descompasso à presença de autores e personagens que destoam desses perfis. Nesse sentido, um dos mais conhecidos é o escritor Ferréz que publicou seu primeiro romance, *Capão Pecado* (Labortexto), em 2000 e logo se identificou como um “marginal”, essa auto intitulação confirma a pesquisa de Dalcastagnè sobre a homogeneização do campo literário, posto que Ferréz passou a utilizar esse termo após contato com as obras de João Antônio e Plínio Marcos e por não se ver como os outros autores contemporâneos, que encarava como *playboys*⁵. Ressalta-se também que muitos dos autores periféricos retomam também a obra de uma escritora que pode ser considerada uma percussora desse tipo de literatura feita pela ótica marginalizada dos excluídos do sistema capitalista, trata-se de Carolina Maria de Jesus.

A expressão “literatura marginal”, entretanto, não aparece na literatura brasileira no início deste século/milênio, mas evoca os anos 1970 com a produção dos chamados poetas marginais.

Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem [...]. Planejadas ou realizadas em

4 Ver Dalcastagnè (2012).

5 Transcreve-se aqui uma fala do autor, a partir de Nascimento (2006): “Quando eu lancei o *Capão Pecado* me perguntavam de qual movimento eu era [...] e eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era ‘literatura marginal’ (NASCIMENTO, 2006, p. 15).

colaboração direta com o autor, as edições apresentam uma face charmosa, afetiva e, portanto, particularmente funcional. Por outro lado, a participação do autor nas diversas etapas da produção e distribuição do livro determina, sem dúvida, um produto gráfico integrado, de imagem personalizada, o que sugere e ativa uma situação mais próxima do diálogo do que a oferecida comumente na relação de compra e venda, tal como se realiza no âmbito editorial. (HOLLANDA, 2007 [1975], p. 9-10).

O trecho acima citado de Heloísa Buarque de Hollanda, organizadora da coletânea desses poetas que faziam livros artesanalmente com mimeógrafos e comercializavam os mesmos em bares, *shows*, entradas de teatros e cinemas, mostra-se interessante para contrapor aos autores que retomam a ideia de “marginal”, por sinalizar o foco na distância entre os poetas e as editoras, levando a uma produção às margens do circuito editorial, tendo assim livros feitos com a participação direta de seus autores. Diferentemente dessa concepção, os escritores dos anos 2000, utilizam o termo “marginal” no sentido da exclusão sociocultural⁶.

6 Nota-se interessante a distinção traçada por Nascimento (2006) entre os dois tipos de autores, aos quais classifica como duas gerações distintas, entendendo geração a partir de Bourdieu, quem compreende que as gerações podem ser definidas por questões comuns a partir das quais os protagonistas se organizam. Entre as principais distinções destacam-se que a geração dos anos 1970 era de representantes das classes médias, ligados às atividades artísticas, ao passo que os da geração 2000 representam as classes populares e moradores de bairros da periferia; em relação à temática, os primeiros versam sobre sexo, tóxicos e cotidiano das camadas médias e altas e os últimos sobre a vida dos membros das classes

O surgimento desses autores correspondem a um período de transformações sociais no Brasil em que as classes populares finalmente conseguiram conquistar mais direitos⁷.

Analisando o cenário brasileiro de uma maneira ampla, contemplando os setores econômico, político e cultural, D'Andrea percebeu que no ano de 2002 uma série de fatores contribuiu para que houvesse certo interesse na periferia e cita o filme *Cidade de Deus* como um marco disso, na mesma esteira aparecem o lulismo, com a diminuição da pobreza e toda a contradição implicada do projeto empreendido pelo então presidente ex metalúrgico. Ressalta que a partir do filme outros produtores vinculados às favelas passam a entrar no mercado⁸. Em sintonia com isso Nascimento (2006) afirma:

populares, problemas sociais, o espaço da periferia; e sobre as tradições literárias os primeiros rompem com as vanguardas da época e se aproximam, pela crítica literária, ao modernismo, enquanto os novos marginais não têm filiação a nenhuma tradição específica, entretanto os editoriais da Revista Caros Amigos/Literatura Marginal fazem referência a escritores com perfil sociológico parecido como Carolina Maria de Jesus e Solano Trindade e pela crítica literária se aproximam ao naturalismo e ao realismo. (NASCIMENTO, 2006, p. 19).

7 O economista Marcio Pochmann defende a tese de que a partir de 2002 as políticas adotadas no governo Lula permitiram: “[...] combinar maior ampliação da renda por habitante com redução no grau de desigualdade na distribuição pessoal da renda do trabalho. Recuperou-se também a participação do rendimento do trabalho na renda nacional e houve um quadro geral de melhora da situação do exercício do trabalho, com a diminuição do desemprego e o crescimento do emprego formal”. (POCHMANN, 2013, p. 156).

8 Sobre o longa-metragem de Fernando Meirelles e Kátia Lund comenta o pesquisador: “Esse filme marcou a passagem da preponderância sobre o termo periferia dos coletivos artísticos da periferia para a indústria do entretenimento. Esse filme foi o catalisador da entrada em cena nas prateleiras do mercado cultural de uma série de produtos que tinham por característica a apresentação da pobreza, da favela e da periferia. Por fim, periferia passou a ser vendável e virou moda” (D’ANDREA, 2013, p. 269).

Essa elaboração de uma literatura marginal, que traz à tona uma certa realidade de espaços e sujeitos marginais, embora produzindo controvérsias, agregou um conjunto de escritores que passou a se identificar com a expressão e a auto-atribuir aos seus produtos literários esta “marca”. (NASCIMENTO, 2006, p. 17).

Refletindo as condições da época do surgimento desses autores envolvidos com a chamada literatura marginal, percebe-se que encontraram um cenário de abertura no âmbito do entretenimento que precisava acolher produtos com a marca da periferia. Não inocentemente a coletânea sobre literatura marginal na Revista Caros Amigos, de grande circulação nacional, coincide nos anos de 2001, 2002 e 2004⁹. Ferrez ao organizar a seleção de textos para outra revista sobre a mesma temática afirmava em seu *blog* que escolheria os trabalhos mais representativos e de quem se afirmasse enquanto autor desse tipo de literatura¹⁰. Nascimento e D’Andrea concordam com a ideia de marca/rótulo, respectivamente,

9 Em outras áreas artísticas, culturais e de entretenimento também se pode encontrar exemplos de produtos com a marca favela: na crítica de cinema há inclusive a expressão “favela movie” para designar filmes que enfoquem as periferias como o já citado Cidade de Deus (2002), Tropa de elite (2007), de José Padilha, Era uma vez... (2008), de Breno Silveira, Cidade dos homens (2008), de Paulo Morelli, Quase dois irmãos (2004), de Lúcia Murat; na TV programas como “Central da periferia”, “Esquentar” e as novelas “I love, Paraisópolis”, “Babilônia” e “A regra do jogo” – que chegou a cogitar se chamar “Favela chique” (da TV Globo) e “Turma do gueto” (da Record), vale citar também a vendagem expressiva de discos de rap e a entrada de representantes da classe média no gênero, além do turismo nas favelas cariocas.

10 Texto do dia 19/12/2006 no *blog*: <http://ferrez.blogspot.com.br/2006/12/literatura-marginal-revista.html>

em torno do periférico, ao que a pesquisa mais recente observa:

Cabe ressaltar [...] que a transformação da periferia em mais um produto de mercado de bens simbólicos ocorreu também com a participação ativa de periféricos que passaram a produzir e fazer circular produtos com o rótulo periferia, seguindo a tendência da indústria do entretenimento. (itálicos do autor, D'ANDREA, 2013, p. 269).

Deste modo, pode se depreender que os autores que se expressam sob a marca de periférico/marginal encontram limitações em seus projetos, uma vez que conseguem ter acesso aos canais de expressão, a exemplo das editoras e revistas, podem falar, sem embargo, estão autorizados a falar apenas sobre os seus próprios lugares e das suas próprias condições. Neste sentido reproduz Dalcastagnè a partir de Bourdieu (1979):

A censura alcança seu mais alto grau de perfeição e invisibilidade quando cada agente não tem mais nada a dizer além daquilo que está objetivamente autorizado a dizer: sequer precisa ser, neste caso, seu próprio censor, pois já se encontra, de uma vez por todas, censurado por meio das formas de percepção e de expressão por ele interiorizadas, e que impõem sua forma de todas as suas expressões (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 19).

Sendo assim o discurso produzido por esses periféricos/marginais não pode avançar para além de um viés de perspectiva única. Tem-se, então, sujeitos com legitimidade

e autoridade para falarem sobre a periferia por lá viverem e atuarem, entretanto cabe a pergunta se um autor periférico poderia também falar sobre outros ambientes, outras vivências para além da periferia. Refletindo ainda à luz de Bourdieu:

Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia “a auctorias, como lembra Benveniste, é a capacidade de produzir que cabe em partilha ao auctor). O auctor, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade [...] subtrai-as ao arbitrário [...] fazendo-as existir como dignas de existir, como conforme à natureza das coisas, <<naturais>>. (BOURDIEU, 1989, p. 114).

O discurso do marginal/periférico legitimado pela comunidade na qual está inserido, bem como pelo público leitor/mercado dos bens simbólicos, ao ser objetivado engendra então um processo de reconhecimento como pertencentes a um grupo, resultando assim “em uma visão única da identidade e uma visão idêntica da sua unidade” (BOURDIEU, 1989, p. 117). Evidentemente tal afirmação não visa estigmatizar ou inferiorizar a literatura marginal, mas problematizá-la para que seja possível depreender certos aspectos e discutí-los, percebendo que os escritos oriundos da periferia podem, se os autores assim quiserem, versar sobre outras temáticas que não exclusivamente as condições/mazelas do

social, ao atingirem outros pontos do humano. Nesse rumo mostra-se bonito um depoimento do poeta Sérgio Vaz em um programa de TV: para ele, logo no começo do seu sarau os poetas e escritores ali participantes queriam fazer denúncia social, uma arte claramente engajada, mas aos poucos a própria poesia foi transformando-os, ou nas palavras de Candido, dando forma aos sentimentos, ao ponto em que quando menos perceberam apareciam nos versos produzidos outras questões, a exemplo das temáticas amorosas¹¹. Esta é uma boa amostra, no interior da literatura marginal, de ruptura com essa visão única da realidade.

Considerações Finais

Tentou-se neste artigo discutir a utilização do termo “literatura marginal” por autores das periferias a partir dos anos 2000, observando como coincide com um período em que o próprio termo periferia se firma enquanto marca vendável na indústria de entretenimento. Defende-se a ideia de que a criação de grupos identitários corresponde a uma necessidade de sobrevivência artística por parte dos artistas residentes nas áreas excluídas/marginalizadas da sociedade, ao passo que também entra em consonância com uma necessidade mercadológica e homogeneizadora de perspectivas. Nesse sentido, cabe retornar a Bourdieu (1989) com a seguinte reflexão:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização

11 Programa Trilha de Letras, TV Brasil, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DHovnWQrYkl>. Acessado em 20 de novembro de 2017.

(falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. [...] a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 1989, p. 10-11).

Percebe-se então que a inserção do periférico no mercado de bens simbólicos se trata de uma integração fictícia que tende a limitá-lo num campo discursivo de perspectiva única e inferiorizada em relação à cultura dominante. Impossível então não retomar a ideia de Dalcastagnè (2012) segundo a qual se pratica na literatura brasileira contemporânea uma escrita sem ambição, com recortes miúdos e autocentrados, desprovidos de crítica, autocrítica, reflexão e medo de riscos¹².

No contexto atual cujos resultados dos esforços da sociedade civil organizada e dos partidos políticos ditos progressistas, conquistados nas últimas décadas e que agora parecem se esfacelar e ainda mostra-se difícil interpretar os fenômenos ambíguos implicados numa tentativa de compreender o quadro brasileiro contemporâneo¹³. Igualmente é

12 Dalcastagnè, 2012: 196.

13 Para Singer (2012) “o lulismo existe sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e esperança num mesmo movimento. É o caráter ambíguo do fenômeno que torna difícil a sua interpretação”. (SINGER, 2012, p. 9). Vale acrescentar ainda a visão de Paulo Arantes, nos anos 1990, para quem FHC era um presidente

complexo pensar a questão da “literatura marginal”, por um lado permitiu que houvesse a manifestação da voz, por meio da publicação tanto de livros por grandes editoras, quanto de contos e crônicas em jornais e revistas, desses autores periféricos que estariam completamente excluídos, pensando principalmente no caso de autores presidiários. Sem embargo, por outro lado essa literatura carrega consigo uma carga problemática, a exemplo de ao periférico só ser permitido falar sobre a periferia. Portanto, cabe a especulação se neste cenário de mudança político-econômica ainda haverá lugar aos periféricos/marginais e se o projeto empenhado a partir dos anos 2000 tem força num momento sem foco nas camadas marginalizadas.

Finaliza-se esta reflexão outra vez com o saudoso professor Antonio Candido: “Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, e não outra, que nos exprime” (CANDIDO, 2006, p. 11), retoma-se aqui, como Dalcastagnè (2012), a famosa frase a fim de pensar como a literatura pode ajudar a pensar o período histórico contemporâneo e numa perspectiva de projeção ao futuro ver se o pensamento de Francisco de Oliveira (2003) se confirma como verdadeiro, para ele: o Brasil é “uma acumulação trunca e uma sociedade desigualitária sem remissão”¹⁴. Como fica então a literatura marginal frente ao proletariado que

levemente decorativo: “a margem de manobra política em países periféricos constrangidos [...] a embarcar no processo de globalização em curso pela via de mão única dos programas de estabilização em marcha forçada, é praticamente nula. [...] cada gesto do Poder Executivo (para não falar no ritual obsoleto que ainda insistimos em chamar eleição) é imediatamente sancionado em primeira e última instância pelos ‘mercados’.” (ARANTES, 1996, p. 323/324).

14 OLIVEIRA, Francisco de – Crítica à razão dualista/O ornitorrinco, 2003, p. 150.

recém surgiu e já parece voltar à viração e ao Brasil do pós lulismo?¹⁵

Referências

ARANTES, Paulo Eduardo. *O fio da meada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa: Difel – Coleção Memória e sociedade, 1989.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura" . In: *Vários escritos*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *26 poetas hoje*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

INÁCIO, Emerson da Cruz. "Marginalidade, corpo, subalteridade, Evel Rocha e Marcelino Freire: à margem da margem". *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n. 22, dez/2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *"Literatura marginal": os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de mes-

15 Sobre o proletariado recém surgido ver Singer (2012) e sobre "viriação" ver Telles (2006) que trata das mutações do trabalho e suas desconexões com dispositivos do emprego sob formas como subcontratação e precarização.

trado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Acauãm Silvério de. *O fim da canção? Racionais Mc's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

POCHIMANN, Marcio. "Políticas públicas e situação social na primeira década do século XXI". In: SADER, Emir (org). *10 anos de governo pós neoliberais: Lula e Dilma*. São Paulo: Boitempo, Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.

SINGER, André. *Os sentidos do Lulismo – reforma gradual e pacto conservador*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

TELLES, Vera. "Mutações do trabalho e experiência urbana". In: *Revista Tempo Social*. Vol. 18, n 1, p. 173-195, 2006.

[Recebimento: 20 nov. 2017 — 05 mar.2018]